

XXI DOMINGO DO TEMPO COMUM (ANO A)*Is 22, 19-23; Sal 137; Rm 11, 33-36; Mt 16, 13-20***COMENTÁRIO***A profissão de fé em Cesareia de Filipe – O ponto de viragem da missão*

Seguindo o caminho de Jesus com os Seus discípulos, chegámos, com o Evangelho deste Domingo, ao ponto de viragem da Sua missão, quando Jesus pediu aos discípulos e obtém de Pedro, como representante do grupo, a profissão de fé na Sua identidade messiânica. Para compreender melhor o significado do episódio e as palavras pronunciadas por Pedro e Jesus para a missão de então e de hoje, é necessário aprofundar alguns pormenores, aparentemente pouco relevantes e, por isso, muitas vezes esquecidos, a começar pela indicação do lugar do acontecimento.

1. Porquê uma confissão de fé «para os lados de Cesareia de Filipe»?

Só os evangelistas Mateus e Marcos indicam o contexto geográfico do episódio: «para os lados de Cesareia de Filipe». Trata-se de uma cidade de estilo greco-romano, reconstruída pelo tetrarca Filipe em honra do imperador César Augusto, no local inicialmente chamado Panea (em honra de Pan, divindade da natureza). (Por isso, o historiador judeu do I século, Flávio Josefo, menciona a cidade com o nome de *Caesarea Panias*). A arqueologia moderna encontrou aí os restos do santuário dessa divindade grega e, como em todas as cidades greco-romanas, podemos também imaginar a existência, nessa zona, de outros altares dedicados a outras divindades, os vários “monumentos sagrados”, como São Paulo encontrou em Atenas (cf. *Act 17, 23*). Temos aqui um contexto espacial particular que reflecte o paganismo do tempo, onde as pessoas acreditavam em vários deuses, de acordo com as suas inclinações e necessidades religiosas. Por isso, encontramos Jesus e os discípulos sempre na zona “pagã”, nos confins da parte norte da Galileia. (Tanto assim que, no Domingo passado, os “vimos” na região de Tiro e Sidónia, no encontro com uma mãe cananeia).

Além disso, a região de Cesareia de Filipe fica em frente do monte Hermon, e nela se encontra uma das nascentes do rio Jordão. Nesta zona, há uma concentração de figueiras, que ainda hoje podem ser observadas pelos peregrinos no Parque-Reserva Natural de Banias. A figueira, com o seu tronco robusto e alto (até 8 metros) e folhas muito largas, oferece um refúgio fresco contra o calor do sol. Por isso, sentar-se debaixo da figueira e da videira será um sinal do tempo messiânico (cf. *Mq 4, 4*).

Este contexto geográfico parece-nos crucial para compreender por que razão Jesus levou os discípulos para tão longe da sua “base” em Cafarnaum (pelo menos 10 horas de caminhada, segundo o *Google Maps*!), para lhes fazer uma pergunta fundamental sobre a Sua identidade. Independentemente e ao contrário do que as pessoas pudessem pensar de Jesus, no mundo daquele tempo de pluralismo de deuses e visões religiosas, os discípulos são agora chamados a professar a sua fé em Jesus como o verdadeiro e único Messias do Deus de Israel, o único Deus verdadeiro. Compreende-se bem que esta questão seja também relevante no nosso tempo. Cada seguidor de Cristo é agora chamado a professar a sua verdadeira fé n’Ele, como Pedro e os outros discípulos, no meio de várias “opiniões” possíveis sobre a Sua pessoa entre o povo. E esta “tomada de posição” sincera é fundamental para testemunhar e partilhar a fé com os outros.

2. «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo»

A profissão de fé de Pedro no Evangelho de Mateus completa e, ao mesmo tempo, explicita as outras formas, mais simples, relatadas pelos evangelistas Marcos («Tu és o Messias») e Lucas («Tu és o Messias de Deus»). Para um devido aprofundamento do conteúdo desta profissão, remeto para os vários livros de cristologia. Gostaria de recordar aqui apenas dois pontos essenciais.

Em primeiro lugar, Jesus é professado como o Cristo, ou seja, o “messias” em hebraico, que significa o ungido. Ele é o Ungido de Deus, predito pelos antigos profetas de Israel e, por isso, esperado, ou melhor, muito esperado, pelo povo eleito no fim dos tempos. Enquanto na história de Israel vários reis, sacerdotes e, nalguns casos, até profetas foram ungidos por Deus, a resposta de Pedro a Jesus acentua a identidade singular de Jesus como *O* messias, *O* Ungido dos ungidos, *O* único e definitivo, enviado por Deus para a missão de salvar o Seu povo. Além disso, nas palavras de Pedro, podemos vislumbrar não tanto uma afirmação de carácter intelectual como uma expressão de adesão à pessoa de Jesus como *O* Cristo em quem os apóstolos agora confiam e depositam toda a sua esperança. Ele é, portanto, “Aquele que devia vir” ao mundo, como ficou claro para o perplexo João Baptista na prisão e como será declarado pelos lábios de Marta no Evangelho de João: «Eu creio que Tu és O Cristo, O Filho de Deus que *havia de vir ao mundo*» (Jo 11, 27). Com a vinda de Jesus, o Cristo-Messias, inaugura-se para o povo eleito e para o mundo inteiro a há muito esperada e anunciada era messiânica, em que cada um se sentaria debaixo da sua videira e da sua figueira, para utilizar de novo a imagem sugestiva dos profetas referida há pouco.

Em segundo lugar, ao professar que Jesus é o Filho do Deus vivo, Pedro declara a fé na natureza divina particular de Jesus em relação ao único Deus verdadeiro de Israel, que Se revelou a Moisés simplesmente como “Eu sou”, Aquele que é. Também por este título, já na tradição bíblico-judaica os “filhos de Deus” eram chamados os anjos ou vários homens. Mas, como bem nota o *Catecismo da Igreja Católica*, nesta profissão de Pedro reconhece-se “o carácter transcendente da filiação divina de Jesus Messias” (nn. 442-443). Tanto assim é que, no Evangelho de João, Pedro declarará, em nome do pequeno grupo dos que permaneceram com Jesus durante a chamada crise da Galileia, quando «muitos dos Seus discípulos voltaram para trás e já não andavam com Ele» depois do “duro” discurso “Eu sou o pão da vida”: «nós acreditamos e sabemos que *Tu és o Santo de Deus*» (Jo 6, 69). Do mesmo modo, a singularidade de Jesus, Filho de Deus, é sublinhada com a expressão “Unigénito do Pai” ou simplesmente *O* Filho. (Acrescente-se que, no nosso episódio evangélico narrado pelo evangelista Mateus, a transcendência divina parece estar também ligada ao título implícito que Jesus usou para Si próprio ao perguntar aos Seus no início: «Quem dizem os homens que é *o Filho do homem?*»).

3. «*Non praevalébunt*» – «*Não prevalecerão*»

Entre os evangelistas que narram o mesmo episódio de Cesareia de Filipe, só São Mateus relata o discurso de Jesus a Pedro depois da profissão de fé deste último. São palavras inspiradas e profundas, que se tornaram objecto de reflexão, de estudo, de debate teológico ao longo dos séculos (com algumas disputas acesas até hoje!). Do ponto de vista espiritual e por limitações de tempo, deter-nos-emos apenas em duas observações importantes para compreender bem o discurso.

Em primeiro lugar, notamos o carácter peculiar da linguagem de Jesus neste elogio a Pedro. Por um lado, vemos no discurso a abundância de expressões semíticas, como a forma da bem-aventurança (“Feliz de ti, Simão...”), “a carne e o sangue” (para significar a natureza humana), o binómio ligar-desligar (para significar o poder total, como se vê em *Is* 22, 19-23 [primeira leitura]), o jogo de palavras baseado no novo nome de Simão, Pedro (“Cefas” – pedra/rocha). Isto reflecte um Jesus “terreno”, por assim dizer, com a Sua agudeza e a Sua maneira de exprimir-se puramente judaica, bem enraizada na tradição do Seu povo.

Por outro lado, o conteúdo do discurso deixa entrever um Jesus em êxtase, tal como no momento em que profere a oração de louvor a Deus pela revelação exclusiva aos pequeninos: “Graças Te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra...” (ouvimo-lo há alguns domingos). Ou seja, é um Jesus glorioso, “acima da terra”, que com autoridade especial confirmou a profissão de Pedro como revelação do

próprio Deus (chamado solenemente “Meu Pai que está nos Céus”) e, consequentemente, conferiu a Pedro um estatuto («sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja») e uma missão especial («Dar-te-ei as chaves do reino dos Céus»).

Temos aqui, portanto, o discurso de Jesus terreno e celeste, que revela o Seu projecto sobre o futuro do “reino dos céus” e a edificação da Sua “Igreja”. Devemos, pois, notar a estreita relação entre o reino dos céus e a Igreja, que Jesus declarou edificar sobre a rocha que é a pessoa de Simão Pedro. A palavra “Igreja”, do original grego *ekklesia*, reflecte o hebraico *qahal*, que significa a assembleia/congregação do povo, convocada por Deus (para o culto). Entrar no reino de Deus significa, logicamente, participar na “Igreja” de Deus que Cristo constrói e a que chama “Sua”.

Convém sublinhar a este propósito que Jesus fala da *Sua* Igreja e da *Sua* acção de edificá-la sobre a rocha que é Simão Pedro. Por outras palavras, a Igreja é Cristo que a constrói, e não Pedro que, com a sua profissão de fé, continua a ser um instrumento, ainda que fundamental, para a sua fundação. É preciso lembrar que o próprio Cristo é visto como a rocha e, como tal, não há fundamento fora d’Ele. Assim, as palavras de Cristo a Pedro devem ser entendidas no sentido inclusivo: para a construção da Igreja, Pedro será a rocha em Cristo – a única pedra angular e fundamento de tudo, e isto por vontade do próprio Cristo. Desta forma, podemos compreender que, apesar das fraquezas humanas de Pedro e de todos os outros na Igreja, os poderes do inferno não prevalecerão sobre ela, porque por detrás de Pedro e, em geral, por detrás de toda a Igreja, está Jesus, O Cristo, O Filho do Deus vivo, que sustenta ambos. De resto, o próprio Jesus disse a Pedro e aos outros discípulos antes da Paixão: «Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos joeirar como o trigo, mas *Eu pedi por ti para que a tua fé não desfaleça*. E tu, uma vez convertido, fortalece os teus irmãos» (Lc 22, 31-32).

Por isso, nesta perspectiva, eis a bela afirmação do Papa Leão Magno († 461): “[...] assim como perdura o que Pedro acreditou em Cristo, assim perdura o que Cristo instituiu na pessoa de Pedro [...] Em toda a Igreja, Pedro proclama todos os dias: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo»» (*De Natale ipsius*, III). Rezemos, então, para concluir (com as palavras da oração alternativa da Colecta do Missal Italiano para o XXI Domingo, Ano A): *Ó Pai, fonte de sabedoria, que no humilde testemunho do apóstolo Pedro lançastes o fundamento da nossa fé, dai a todos os homens a luz do Vosso Espírito, para que, reconhecendo em Jesus de Nazaré o Filho de Deus vivo, se tornem pedras vivas para a edificação da Vossa Igreja. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus, e convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. Amén.*

POST SCRIPTUM. Jesus finalmente “ordenou aos discípulos que não dissessem a ninguém que Ele era o Messias”. Porquê? Saberemos a resposta no domingo seguinte!

Citações úteis:

PAPA LEÃO XIV, Santa Missa *Pro Ecclesia* celebrada pelo Romano Pontífice com os Cardeais, *Homilia*, Capella Sistina, Sexta-feira, 9 de maio de 2025

[...] «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo» (*Mt* 16, 16). Com estas palavras, Pedro, interrogado juntamente com os outros discípulos pelo Mestre, sobre a sua fé n’Ele, expressa em síntese o tesouro que a Igreja, através da sucessão apostólica, guarda, aprofunda e transmite há dois mil anos.

Jesus é o Messias, o Filho do Deus vivo, ou seja, o único Salvador, que revela o rosto do Pai.

N’Ele, para se tornar próximo e acessível aos homens, Deus revelou-se nos olhos confiantes de uma criança, na mente viva de um jovem, na fisionomia madura de um homem (cf. Conc. Vat. II, Const. Past. *Gaudium et spes*, 22), até aparecer aos seus, após a ressurreição, com o seu corpo glorioso. Mostrou-nos assim um modelo de humanidade santa que todos podemos imitar, juntamente com a promessa de um destino eterno, que ultrapassa todos os nossos limites e capacidades. Na sua resposta, Pedro compreende ambas as coisas: o dom de Deus e o caminho a percorrer para se deixar transformar, dimensões inseparáveis da salvação, confiadas à Igreja para que as anuncie a bem da humanidade. Confiadas a nós, escolhidos por Ele antes de sermos formados no ventre materno (cf. *Jr* 1, 5), regenerados na água do Batismo e, apesar

dos nossos limites e sem mérito nosso, conduzidos até aqui e daqui enviados, para que o Evangelho seja anunciado a toda a criatura (cf. *Mc* 16, 15). [...]

No entanto, antes do diálogo em que Pedro faz a sua profissão de fé, há uma outra pergunta: «Quem dizem os homens», interpela Jesus «que é o Filho do Homem?» (*Mt* 16, 13). Não se trata de uma pergunta banal, diz antes respeito a um aspecto importante do nosso ministério: a realidade em que vivemos, com os seus limites e potencialidades, as suas interrogações e convicções.

«Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?» (*Mt* 16, 13). Pensando nesta cena, refletindo sobre ela, poderíamos encontrar duas possíveis respostas a esta pergunta e traçar outras tantas atitudes.

Em primeiro lugar, há a resposta do mundo. Mateus sublinha que o diálogo entre Jesus e os seus sobre a identidade d'Ele tem lugar na belíssima cidade de Cesareia de Filipe, cheia de palácios luxuosos, inserida numa paisagem natural encantadora, no sopé do Hermon, mas também sede de círculos de poder cruéis e palco de traições e infidelidades. Esta imagem fala-nos de um mundo que considera Jesus uma pessoa totalmente desprovida de importância, quando muito uma personagem curiosa, capaz de suscitar admiração com a sua maneira invulgar de falar e agir. Por isso, quando a sua presença se tornará incômoda, devido aos pedidos de honestidade e às exigências morais que solicita, este “mundo” não hesitará em rejeitá-lo e eliminá-lo.

Depois, há uma outra possível resposta à pergunta de Jesus: a das pessoas comuns. Para elas, o Nazareno não é um “charlatão”: é um homem justo, corajoso, que fala bem e que diz coisas certas, como outros grandes profetas da história de Israel. Por isso, seguem-no, pelo menos enquanto podem fazê-lo sem demasiados riscos ou inconvenientes. Porém, porque essas pessoas o consideram apenas um homem, no momento do perigo, durante a Paixão, também elas o abandonam e vão embora, desiludidas.

Impressiona a atualidade destas duas atitudes. Com efeito, elas encarnam ideias que poderíamos facilmente reencontrar – talvez expressas com uma linguagem diferente, mas essencialmente idênticas – nos lábios de muitos homens e mulheres do nosso tempo.

Ainda hoje não faltam contextos em que a fé cristã é considerada uma coisa absurda, para pessoas fracas e pouco inteligentes; contextos nos quais em vez dela se preferem outras seguranças, como a tecnologia, o dinheiro, o sucesso, o poder e o prazer.

São ambientes onde não é fácil testemunhar nem anunciar o Evangelho, e onde quem acredita se vê ridicularizado, contrastado, desprezado, ou, quando muito, suportado e digno de pena. No entanto, precisamente por isso, são lugares onde a missão se torna urgente, porque a falta de fé, muitas vezes, traz consigo dramas como a perda do sentido da vida, o esquecimento da misericórdia, a violação – sob as mais dramáticas formas – da dignidade da pessoa, a crise da família e tantas outras feridas das quais a nossa sociedade sofre, e não pouco.

Ainda hoje, não faltam contextos nos quais Jesus, embora apreciado como homem, é simplesmente reduzido a uma espécie de líder carismático ou super-homem, e isto não apenas entre os não crentes, mas também entre muitos batizados, que acabam por viver, a este nível, num ateísmo prático.

Este é o mundo que nos está confiado e no qual, como tantas vezes nos ensinou o Papa Francisco, somos chamados a testemunhar a alegria da fé em Cristo Salvador. Por isso, também para nós, é essencial repetir: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo» (*Mt* 16, 16).

É essencial fazê-lo, primeiramente, na nossa relação pessoal com Ele, no empenho em percorrer um caminho quotidiano de conversão. Mas depois também, como Igreja, vivendo juntos a nossa pertença ao Senhor e levando a todos a sua Boa Nova (cf. Conc. Vat. II, Const. Dogm. *Lumen gentium*, 1). [...]

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

ARTIGO 2 «E EM JESUS CRISTO, SEU ÚNICO FILHO, NOSSO SENHOR»

II. Cristo

436. *Cristo* vem da tradução grega do termo hebraico «Messias», que quer dizer «ungido». Só se torna nome próprio de Jesus porque Ele cumpre perfeitamente a missão divina que tal nome significa. Com efeito, em Israel eram ungidos, em nome de Deus, aqueles que Lhe eram consagrados para uma missão d'Ele dimanada. Era o caso dos reis, dos sacerdotes e, em raros casos, dos profetas. Este devia ser, por excelência, o caso do Messias, que Deus enviaria para estabelecer definitivamente o seu Reino. O Messias devia ser ungido pelo Espírito do Senhor, ao mesmo tempo como rei e sacerdote, mas também como profeta. Jesus realizou a expectativa messiânica de Israel na sua tríplice função de sacerdote, profeta e rei.

(...)

438. A consagração messiânica de Jesus manifesta a sua missão divina. «Aliás, é o que indica o seu próprio nome; porque no nome de Cristo está subentendido Aquele que ungiu. Aquele que foi ungido e a própria Unção com que foi ungido. Aquele que ungiu é o Pai, Aquele que foi ungido é o Filho, e foi-o no Espírito que é a Unção». A sua eterna consagração messiânica revelou-se no tempo da sua vida terrena, quando do seu baptismo por João, altura em que «Deus O ungiu com o Espírito Santo e poder» (*Act* 10, 38), «para que se manifestasse a Israel» (*Jo* 1, 31) como seu Messias. As suas obras e palavras dá-lo-ão a conhecer como «o santo de Deus».

III. Filho único de Deus

441. *Filho de Deus*, no Antigo Testamento, é um título dado aos anjos, ao povo eleito aos filhos de Israel e aos seus reis. Nestes casos, significa uma filiação adoptiva, que estabelece entre Deus e a sua criatura relações de particular intimidade. Quando o Rei-Messias prometido é chamado «filho de Deus», isso não implica necessariamente, segundo o sentido literal de tais textos, que Ele seja mais que um simples ser humano. Os que assim designaram Jesus, enquanto Messias de Israel (49), talvez não tenham querido dizer mais.

442. Mas não é este o caso de Pedro, quando confessa Jesus como «Cristo, o Filho de Deus vivo», porque Jesus respondeu solenemente: «não foram a carne nem o sangue que to revelaram, mas sim o meu Pai que está nos céus» (Mt 16, 17). De igual modo, Paulo dirá, a propósito da sua conversão no caminho de Damasco: «Quando aprouve a Deus – que me escolheu desde o seio de minha mãe e me chamou pela sua graça – revelar o seu Filho em mim, para que O anuncie como Evangelho aos gentios...» (Gl 1, 15-16). «E logo começou a proclamar nas sinagogas que Jesus era o Filho de Deus» (Act 9, 20). Será este, desde o princípio, o núcleo da fé apostólica, primeiramente professada por Pedro como fundamento da Igreja.

443. Se Pedro pôde reconhecer o carácter transcendente da filiação divina de Jesus-Messias, foi porque Este lhe deixou perceber nitidamente. Diante do Sinédrio, à pergunta dos seus acusadores: «Então, tu és o Filho de Deus?» Jesus respondeu: «É como dizeis, sou» (Lc 22, 70). Já muito antes, Ele Se designara como «o Filho» que conhece o Pai, diferente dos «servos» que Deus anteriormente enviara ao seu povo, superior aos próprios anjos. Ele distinguiu a sua filiação da dos Seus discípulos, nunca dizendo «Pai nosso», a não ser para lhes ordenar: «vós, quando rezardes, dizei assim: Pai nosso» (Mt 6,9); e sublinhou esta distinção: «o meu Pai e vosso Pai» (Jo 20, 17).

ARTIGO 9 «CREIO NA SANTA IGREJA CATÓLICA»

751. A palavra «Igreja» («ekklesia», do verbo grego «ek-kalein» = «chamar fora») significa «convocação». Designa as assembleias do povo em geral de carácter religioso. É o termo frequentemente utilizado no Antigo Testamento grego para a assembleia do povo eleito diante de Deus, sobretudo para a assembleia do Sinai, onde Israel recebeu a Lei e foi constituído por Deus como seu povo santo. Ao chamar-se «Igreja», a primeira comunidade dos que acreditaram em Cristo reconhece-se herdeira dessa assembleia. Nela, Deus «convoca» o seu povo de todos os confins da terra. O termo «Kyriakê», de onde derivaram «church», «Kirche», significa «aquela que pertence ao Senhor».

752. Na linguagem cristã, a palavra «Igreja» designa a assembleia litúrgica, mas também a comunidade local ou toda a comunidade universal dos crentes. Estes três significados são, de facto, inseparáveis. «A Igreja» é o povo que Deus reúne no mundo inteiro. Ela existe nas comunidades locais e realiza-se como assembleia litúrgica, sobretudo eucarística. Vive da Palavra e do Corpo de Cristo, e é assim que ela própria se torna Corpo de Cristo.

A IGREJA – INSTITUÍDA POR JESUS CRISTO

763. Pertence ao Filho realizar, na plenitude dos tempos, o plano de salvação do seu Pai; tal é o motivo da sua «missão». «O Senhor Jesus deu início à sua Igreja, pregando a boa-nova do advento do Reino de Deus prometido desde há séculos nas Escrituras». Para cumprir a vontade do Pai, Cristo inaugurou na terra o Reino dos céus. A Igreja «é o Reino de Cristo já presente em mistério».

764. «Este Reino manifesta-se aos homens na palavra, nas obras e na presença de Cristo», Acolher a palavra de Jesus é «acolher o próprio Reino». O germe e começo do Reino é o «pequeno rebanho» (Lc 12, 32) daqueles que Jesus veio congregar ao seu redor e dos quais Ele próprio é o Pastor. Eles constituem a verdadeira família de Jesus. Aqueles que assim juntou em redor de si, ensinou uma nova «maneira de agir», mas também uma oração própria.

765. O Senhor Jesus dotou a sua comunidade duma estrutura que permanecerá até ao pleno acabamento do Reino. Temos, antes de mais, a escolha dos Doze, com Pedro como chefe. Representando as doze tribos de Israel, são as pedras do alicerce da nova Jerusalém. Os Doze e os outros discípulos participam da missão de Cristo, do seu poder, mas também da sua sorte. Com todos estes actos, Cristo prepara e constrói a sua Igreja.

766. Mas a Igreja nasceu principalmente do dom total de Cristo pela nossa salvação, antecipado na instituição da Eucaristia e realizado na cruz. «Tal começo e crescimento da Igreja exprimem-nos o sangue e a água que manaram do lado aberto de Jesus crucificado». Porque «foi do lado de Cristo adormecido na cruz que nasceu o sacramento admirável de toda a Igreja». Assim como Eva foi formada do costado de Adão adormecido, assim a Igreja nasceu do coração trespassado de Cristo, morto na cruz.